

Competência crítica em informação e mediação cultural: um estudo do Centro Integrado de Cultura de Florianópolis/SC

Critical information literacy and cultural mediation: a study of the Integrated Culture Center of Florianópolis/SC

Competencia crítica en información y mediación cultural: un estudio del Centro Integrado de Cultura de Florianópolis/SC

Barbara Lipinski

Mestra em Ciência da Informação

Universidade Estadual de Londrina, PR, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-2861-1359> E-mail: babilipinski@hotmail.com

Luciane de Fátima Beckman Cavalcante

Doutora em Ciência da Informação

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-3314-003X> E-mail: luciane.cavalcante@facc.ufrj.br

Rev. Inf. na Soc. Contemp., Natal, RN, v. 9, 2025

ISSN 2447-0198

DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2025v9n1>

Submetido em: 31-10-2024

Reapresentado em: 21-12-2024

Aceito em: 10-01-2025



RESUMO

Os centros culturais são aliados na preservação e disseminação da informação para a transformação da coletividade por meio da realização da mediação cultural ocorrida por intermédio de ações culturais. O artigo objetivou analisar se a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do Centro Integrado de Cultura de Florianópolis contribui para a competência crítica em informação na comunidade em que se insere, ou seja, procurou mapear as ações culturais, as quais podem contribuir para a competência crítica em informação da comunidade local. A pesquisa caracterizou-se metodologicamente como básica, qualitativa, descritiva e exploratória, bem como por revisão bibliográfica e estudo de

caso, utilizando a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados e a técnica da análise categorial de Bardin para as análises. Os resultados apontaram que os bibliotecários atuam na Biblioteca de Arte e Cultura e no Museu de Arte de Santa Catarina, sendo a Biblioteca a promotora de 12 atividades culturais, das quais cinco contribuem para o desenvolvimento da competência crítica em informação. O estudo verificou que a mediação cultural, desenvolvida pelos bibliotecários, promoveu uma reflexão crítica da realidade na sociedade e, a partir disso, a pesquisa pôde refletir acerca do papel do bibliotecário e dos centros de cultura como agentes de (trans)formação social. Sugere-se que os bibliotecários possam buscar mais conhecimento no tocante às questões da mediação cultural e pensar em ações mais direcionadas à mediação cultural e à CCI, com a finalidade de atingirem um maior número de pessoas e contribuírem para um melhor entendimento da ação pelos sujeitos.

Palavras-chave: bibliotecário; centro integrado de cultura; competência crítica em informação; mediação cultural.

ABSTRACT

Cultural centers are allies in the preservation and dissemination of information for the transformation of the community through the implementation of cultural mediation that occurs through cultural actions. The article aimed to analyze whether the cultural mediation promoted by librarians of the Integrated Culture Center of Florianópolis contributes to critical information competence in the community in which it is located, that is, it sought to map the cultural actions that can contribute to the critical information competence of the local community. The research was characterized methodologically as basic, qualitative, descriptive and exploratory, as well as by bibliographic review and case study, using the semi-structured interview for data collection and the Bardin categorical analysis technique for the analyses. The results indicated that the librarians work at the Library of Art and Culture and at the Museum of Art of Santa Catarina, with the Library promoting 12 cultural activities, of which five contribute to the development of critical information competence. The study found that cultural mediation, developed by librarians, promoted a critical reflection on reality in society and, from this, the research was able to reflect on the role of librarians and cultural centers as agents of social (trans)formation. It is suggested that librarians can seek more knowledge regarding issues of cultural mediation and think of actions more directed at cultural mediation and ICC, with the aim of reaching a greater number of people and contributing to a better understanding of the action by the subjects.

Keywords: librarian; integrated culture center; critical information literacy; cultural mediation.

RESUMEN

Los centros culturales son aliados en la preservación y difusión de información para la transformación de la comunidad a través de la mediación cultural que se da mediante acciones culturales. El artículo tuvo como objetivo analizar si la mediación cultural promovida por bibliotecarios del Centro Integrado de Cultura de Florianópolis contribuye a la competencia informativa crítica en la comunidad en la que está ubicado, es decir, buscó mapear acciones culturales, que puedan contribuir a la competencia informativa crítica en la comunidad local. La investigación se caracterizó metodológicamente como básica, cualitativa, descriptiva y

exploratoria, así como por revisión bibliográfica y estudio de caso, utilizándose la entrevista semiestructurada para la recolección de datos y la técnica de análisis categorial de Bardin para su análisis. Los resultados mostraron que los bibliotecarios actúan en la Biblioteca de Arte y Cultura y en el Museo de Arte de Santa Catarina, siendo que la Biblioteca promueve 12 actividades culturales, cinco de las cuales contribuyen al desarrollo de habilidades de información crítica. El estudio encontró que la mediación cultural, desarrollada por los bibliotecarios, promovió una reflexión crítica de la realidad de la sociedad y, a partir de ello, la investigación pudo reflexionar sobre el papel del bibliotecario y de los centros culturales como agentes de (trans)formación social. Se sugiere que los bibliotecarios busquen más conocimientos sobre cuestiones de mediación cultural y piensen en acciones más dirigidas a la mediación cultural y a las ICC, con el objetivo de llegar a un mayor número de personas y contribuir a una mejor comprensión de la acción de los sujetos.

Palabras-clave: bibliotecario; centro cultural integrado; competencia informativa crítica; mediación cultural.

1 INTRODUÇÃO

A informação é fundamental para o desenvolvimento do corpo social, tanto é que ela é usualmente chamada, a partir da segunda metade do século XXI, de “sociedade da informação”, pautada no acesso à informação por conta das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC); todavia ela é contraditória e exclusivista, visto que não alcança a todas as pessoas, ao menos em se falando da realidade brasileira, na qual muitos não têm acesso à educação, por exemplo. Apesar dessa realidade, muito se tem feito para promover o acesso à informação, especialmente por meio dos centros de informação, sejam eles bibliotecas, arquivos, museus ou centros culturais, e pelos profissionais que neles atuam.

Os centros culturais também são aliados na preservação e disseminação da informação para a transformação da coletividade por meio da mediação cultural ocorrida por intermédio de ações culturais executadas pelos seus profissionais. Tais centros propiciam a reflexão a respeito da cultura e da informação, portanto são concebidos como espaços de aprendizagem, visto que por meio da informação e do acesso à educação e à cultura, a comunidade pode se desenvolver e formar indivíduos críticos e autocriticos. Nesse contexto, os centros culturais têm se destacado como aliados na formação de um corpo social competente¹ em informação, capaz

¹ Este predicado é utilizado nesta pesquisa no sentido de exercer o “aprendizado ao longo da vida”, uma vez que “competente” pressupõe que os não enquadrados podem ser vistos como incompetentes.

de buscar a informação, analisar e a utilizar para sua necessidade. No entanto, questiona-se se eles têm contribuído para o desenvolvimento do senso crítico da sociedade. Desse modo, surgem outros questionamentos como: os centros culturais auxiliam na disseminação da informação para emancipação do sujeito, com foco na sua formação e/ou conscientização mediante as atividades culturais desenvolvidas?

A partir de um olhar crítico quanto ao funcionamento dos centros culturais, do fazer profissional do bibliotecário nesses locais, assim como da influência social que eles têm, buscou-se resposta para a seguinte problemática: a mediação cultural desenvolvida pelos bibliotecários em centros culturais, por meio de ações culturais, contribui para as reflexões vinculadas à competência crítica em informação (CCI) na comunidade em que se inserem? Outros questionamentos estão introduzidos nessa problemática: de que forma o bibliotecário busca contribuir para desenvolver a CCI? Ele tem feito do centro cultural um instrumento propício para isso? Como, por meio de uma atividade cultural, é possível trabalhar as relações de pensamento crítico nas pessoas?

A justificativa da escolha do local da pesquisa, Florianópolis, concebeu-se por ser a capital catarinense uma cidade turística, possuidora de centros culturais, além de uma das autoras do artigo ter residido alguns anos na cidade, o que oportunizou a visita a alguns deles. Referente a essa última questão, é válido ressaltar que em um dos centros havia biblioteca, mas não havia bibliotecário, então, a partir disso, o interesse da pesquisa em incluir os bibliotecários no estudo, ciente do potencial desse profissional em um centro cultural.

Em decorrência do exposto, a pesquisa objetivou analisar se a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis contribui para a competência crítica em informação na comunidade em que ele se insere. Nesse sentido, o artigo abordará especificamente às questões relativas à mediação cultural para a promoção da competência crítica, sendo um recorde de dissertação defendida. A pesquisa caracterizou-se metodologicamente como básica, qualitativa, descritiva e exploratória, bem como por revisão bibliográfica e estudo de caso, utilizando a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados e a técnica da análise categorial de Bardin para as análises.

2 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO

A expressão “competência crítica em informação”, oriunda do inglês *critical information literacy*, aparece no começo do século XXI, a partir do ano de 2005, especificamente, nos trabalhos de Doherty e Ketchner (2005), Simmons (2005), Elmborg (2006) entre outros, os quais notaram a falta de uma perspectiva crítica nas pesquisas e nos treinamentos de competência em informação ofertados à comunidade científica, segundo Bezerra (2019). A palavra “crítica” foi adicionada a já conhecida expressão “competência em informação” com a intenção de trazer uma avaliação crítica, como o próprio nome apresenta, às práticas e as normas do modelo institucional da Colinfo presentes nos documentos da American Library Association (ALA) que servem de base para a maioria das pesquisas no que concerne à Colinfo, uma vez que elas soam de forma mecânica e não ensinam o sujeito a questionar as informações que recebe mediante o regime de informação ao qual está inserido, ou seja, seu foco está no mercado de trabalho, nas vantagens pessoais e ela está pouco preocupada com a desigualdade e com as transformações sociais (Bezerra, 2019).

A CCI é diferente da Colinfo, todavia é um complemento dela, em virtude de que nasceu dela, porém propõe uma discussão mais crítica e não “mecânica” a respeito do que a sua precursora apregoa. Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) afirmam que a CCI é uma crítica construtiva e reflexiva com relação à Colinfo e diz respeito à uma avaliação crítica da informação e ao uso ético dela, dado que a Colinfo o faz superficialmente.

Entretanto, para compreender a CCI é primordial entender os preceitos da Colinfo, posto que a CCI vem criticar, de modo construtivo, o seu padrão. A Colinfo recebeu sua definição de ampla divulgação apenas em 1989 por meio do Comitê de Competência em Informação, criado pela ALA, e publicado pela Association for College and Research Libraries (ACRL) – uma divisão da ALA. A definição mais recente da ACRL declara que a Colinfo é um conjunto de habilidades “[...] que abrange a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética em comunidades de aprendizagem” (Association of College and Research Libraries, 2016, p. 1, tradução nossa).

Em sua gênese, a Colinfo foi vista como uma capacidade que o indivíduo tem para localizar, avaliar e usar a informação de que necessita e, com o passar dos anos, sua visão

evoluiu para “descoberta reflexiva da informação”, “compreensão de como a informação é produzida” e “participação ética em comunidades de aprendizagem”; contudo, ao estudar o tema, é perceptível que os avanços não compreendem uma análise e uma reflexão críticas que instiguem o sujeito a pensar a informação dentro do sistema de informação hodierno. De acordo com Bezerra (2019, p. 56), essas são expressões estéreis “[...] sem o devido convite às reflexões que estimulem indivíduos a analisar as tensões e contradições do regime de informação contemporâneo”.

A Colinfo pode oportunizar o empoderamento do sujeito e a inclusão social, estando diretamente relacionada à aprendizagem ao longo da vida, ao aprender a aprender, uma vez que o capacita para encontrar a informação de que carece, disponível em meio a incontáveis outras, para sanar qualquer dificuldade e usá-la de maneira a ensinar a outros. Todavia, para Bezerra (2019, p. 55), “[...] aos indivíduos é concedida a liberdade do empreendedorismo e imputada a responsabilidade pelo eventual fracasso de seus projetos de vida”, ou seja, para o sujeito encarar os desafios tecnológicos e vencer as desvantagens é preciso que ele seja competente em informação quando, na verdade, os responsáveis pelas desigualdades sociais não estão preocupados em promover o desenvolvimento crítico das pessoas.

Da mesma forma, Doherty e Ketchner (2005 *apud* Bezerra, 2019, p. 57) criticam às normas da Colinfo e afirmam que ela encobre uma ideologia excluente “[...] e recorrem ao caráter emancipatório da educação para definir a competência crítica em informação como uma ferramenta de ‘empoderamento’ e ‘libertação’ dos indivíduos”. Consoante com Bezerra (2019) e Schneider (2019), a CCI contribui para um aprendizado mais rico, pois a Colinfo pode ser usada como uma ferramenta para fomentar uma sociedade mais democrática, ou não, dependendo do nível de CCI do usuário. Eles conduzem a CCI com um pensamento social e crítico.

3 MEDIAÇÃO CULTURAL: ETAPAS E ESTRATÉGIAS

A mediação, de maneira geral, é então entendida como uma intervenção entre duas partes, em que há a presença de um mediador – ou medianeiro, mediatário, conforme mencionam Bortolin e Almeida Júnior (2008). Existem vários tipos de mediação, embora a pesquisa tenha enfoque na mediação cultural. Nunes e Cavalcante (2017) asseguram que a

mediação cultural, na Ciência da Informação (CI), nasceu com os centros de informação ao promoverem ações culturais para envolver o público em atividades de caráter cultural, nas quais há a presença de um mediador que oportuniza as leituras e as apropriações dos significados das obras e das ações junto aos sujeitos.

Rasteli e Caldas (2019) fazem um apanhado histórico do termo “mediação cultural” sob a ótica da CI. Segundo eles, a mediação cultural é uma construção dos processos sociais, culturais, artísticos e informacionais, cuja interação com as pessoas pode promover significado e sentido à realidade a partir de um conjunto de atividades pensadas e construídas de maneira coletiva. Nessa direção, pode-se observar que a construção de significado está presente na mediação cultural, mas também está presente na CCI, uma vez que as duas permitem e levam os sujeitos a perceberem e compreenderem o que ocorre em seu entorno, favorecendo, dessa forma, uma melhor interpretação dos acontecimentos à sua volta, haja vista que a compreensão da realidade que os envolvem oportuniza a apropriação e a ação sobre ela com o intuito de transformá-la.

Levando em conta as concepções dos autores, é possível compreender a mediação cultural como um processo que possibilita a aproximação e a construção de sentido entre o bem cultural e o sujeito que o aprecia a partir de um mediador, que, como aponta Ford (2016, p. 152) “é um ator social que convoca a compartilhar o palco outros atores”. Nessa perspectiva, Wendell (2013) expõe que a mediação cultural é composta por um conjunto de ações que se dividem em três etapas - antes, durante e depois do encontro do público com as obras culturais - e destaca a importância do mediador em todas elas. O autor pontua que antes do contato direto do público com a atividade ou bem cultural, a mediação cultural já ocorre, bem como depois. Ela não existe somente no momento da ação. Essas etapas podem ser visualizadas no **Quadro 1**:

Quadro 1 – Etapas da mediação cultural

ANTES	DURANTE	DEPOIS
MOBILIZAÇÃO O público é incentivado pela divulgação.	ENCONTRO A mediação prioriza a qualidade de um encontro único entre obra e público, organizando o momento com todas as facilidades de acesso.	REVERBERAÇÃO A mediação ajuda que a obra continue a reverberar na vida pessoal e social do público.

ANTES	DURANTE	DEPOIS
SENSIBILIZAÇÃO Se desenvolve pela própria força e valor do produto cultural.	APROPRIAÇÃO Momento de o público se apropriar da obra e recriá-la a partir de seus conhecimentos, tornando-a integrada à sua história.	INTERNALIZAÇÃO O público guarda as sensações e reflexões do momento vivido com a obra. A mediação abre um espaço para que ela seja mais internalizada numa proposta de recriação posterior dos elementos da obra.
PREPARAÇÃO Há um acesso aos conceitos, técnicas e estéticas que envolvem o produto cultural, em que o público aprende a reconhecer os elementos da obra que ele terá contato.	REFLEXÃO Devem ser criados meios livres de reflexão acerca da obra e o que ela traz ou apresenta para o público.	RECONHECIMENTO Existem muitos elementos vivenciados no encontro com a obra que necessitam ser reconhecidos estéticamente e tecnicamente. O público torna-se mais consciente e autônomo no seu reconhecimento da obra.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Wendell (2013).

Nessas etapas, é possível perceber a profundidade da mediação cultural e tudo o que ela implica, não sendo realizada ao acaso. No entanto, quais estratégias o mediador pode utilizar para que o público interprete e se aproprie da informação que aquele produto cultural quer passar? Nesse sentido, Wendell (2013) descreve algumas ideias que podem ser aplicadas como estratégias para a mediação cultural. Ele as distingue dentro de cada etapa já apresentada e aqui estão destacadas cinco delas, conforme apresenta o Quadro 2:

Quadro 2 – Estratégias de mediação cultural

ANTES	DURANTE	DEPOIS
<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao local onde será realizada a atividade. - Seminários, mesas-redondas ou conferências com temas referentes à atividade. - Oficinas de criação artística associadas à estética do produto cultural. - Enquetes e campanhas nas redes sociais vinculadas à atividade. - Distribuição de material informativo ou interativo que estimule a curiosidade acerca do tema. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recepção feita pelo próprio mediador, gerando um diálogo inicial com o público acerca do que acontecerá. - Apresentação do espaço cultural e seu funcionamento. - Passar por uma sequência de contato com a obra com a presença do mediador, o qual realiza questionamentos no momento apropriado. - No caso de alguma exibição ou apresentação, pode-se ter um debate entre os produtores e o público. - No local, pode-se ter algum lugar reservado para o público deixar suas interpretações e sensações referentes ao que vivenciou. Pode ser por meio de textos, pinturas etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de grupos de discussão nas redes sociais. - Visitação dos artistas aos públicos nas instituições que eles fazem parte. - Produção e exposição de textos, pinturas, esculturas etc. a partir do que foi vivenciado. - Debates com os fazedores culturais em eventos posteriores. - Construção de uma nova obra cultural com a participação do público mediado.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Wendell (2013).

Entretanto, para que não haja dúvida quanto à mediação cultural, é importante distingui-la da mediação da informação - apesar de a informação ser um fenômeno indissociável da cultura, uma vez que ela é produto, mas também colaboradora dela, conforme demarcam Mendonça, Feitosa e Dumont (2019, p. 3): “[...] cultura e informação são fios de um mesmo tear, sentidos de uma mesma tessitura notadamente humana”. Ou seja, são elementos intrinsecamente presentes nas relações construídas socialmente.

Para Almeida Júnior (2009), a mediação da informação diz respeito à interferência do mediador para sanar uma necessidade específica de informação, ou seja, da interlocução do sujeito com a informação em si. Para o autor, a mediação da informação está presente em todo o fazer do bibliotecário e ele a subdivide em implícita e explícita. Mendonça, Feitosa e Dumont (2019) afirmam que a mediação da informação é produto da mediação cultural, posto que ela nasce junto à cultura e que não há cultura sem informação e sem comunicação, por isso apresentam o conceito de “mediação cultural da informação”. Nesse sentido, é possível compreender que a mediação da informação e a mediação cultural ocorrem juntas, visto que a própria informação é produto da cultura. Quando se faz mediação da informação, inevitavelmente e indiretamente existe uma correlação com mediação cultural.

Alicerçados nessas ideias, Bezerra e Cavalcante (2020) defendem a concepção de mediação cultural da informação a partir de uma perspectiva sociológica, assim como Mendonça, Feitosa e Dumont (2019). Conforme apontam Bezerra e Cavalcante (2020, p. 6), “a mediação cultural da informação pode propiciar novos atos de significação no sujeito interagente em contextos de práticas informacionais e culturais, uma vez que permite a apropriação dos elementos simbólicos ali desenvolvidos”.

Nessa perspectiva, é possível relacionar a cultura e a mediação cultural com a CCI, posto que esses dois primeiros elementos podem ser considerados um conjunto de expressões humanas que traduzem a realidade da sociedade, mas que simultaneamente, e inconscientemente, apresentam anseio por sua transformação: uma sociedade cidadã, em que o sujeito tenha todos os direitos que esta palavra lhe confere e possa contribuir de maneira ativa, criativa, reflexiva e crítica para o seu desenvolvimento, por meio do acesso e uso mais conscientes da informação. Sob essa ótica que a pesquisa analisou se e como a mediação cultural promovida pelos centros de cultura contribui para o desenvolvimento da

CCI na comunidade em que estão inseridos, podendo, dessa maneira, contribuir também para a transformação social.

4 CENTROS CULTURAIS

Os centros de cultura são considerados espaços importantes para a preservação e para a disseminação da cultura e da informação, proporcionando lazer, reflexões e discussões a partir da mediação de um artefato cultural ou de atividades propostas. De acordo com Milanesi (1990), os centros de cultura como são conhecidos hoje surgiram na França, especificamente em Paris, nos anos 1970, com a inauguração do Centro Cultural Georges Pompidou, também conhecido como Beaubourg.

Coelho (1997, p. 167) define centro cultural como “uma instituição [...] com acervo e equipamento permanentes (salas de teatro, de cinema, bibliotecas etc.), voltada para [...] atividades que se desenvolvem sincronicamente e oferecem alternativas variadas para seus frequentadores, de modo perene [...]. Os centros culturais são entidades que possuem ambientes diversos e oferecem as mais distintas atividades como formas de interpretação, criação e representação da cultura, com vistas à formação do público.

Nesse sentido, Neves (2013, p. 2) corrobora e acrescenta que tais centros são organizações que possuem o objetivo de “[...] produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos [...] para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico”. Já para Milanesi (1997, p. 28) o que caracteriza os centros culturais é a “reunião de produtos culturais, sejam de que natureza forem, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos. São, portanto, espaços para conhecer, discutir e criar”. Segundo Milanesi (1997, p. 28), a caracterização dos centros culturais se dá pelos “[...] produtos culturais, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos”.

Observa-se que os centros culturais são instituições que objetivam o lazer, a preservação e a disseminação de bens e produtos culturais, além de disporem de espaços para a prática de atividades culturais e informacionais, manifestando-se como locais de aprendizagem a partir da reflexão da cultura e da informação. Entretanto, mesmo com seu caráter de socialização da cultura, não é só a mera existência de um centro cultural que fará

com que seus objetivos sejam alcançados, é necessário o desenvolvimento de políticas e planejamentos específicos para acesso e uso pelos sujeitos, além dos profissionais capacitados que contribuem ao desenvolvimento de todas as formas de mediação.

Nessa direção, Almeida Júnior (1997, p. 92) afirma que é preciso que o bibliotecário seja outro bibliotecário. Para o autor, o bibliotecário precisa ser “[...] consciente da sua real função social; é preciso que ele saiba que o seu trabalho pode e deve alterar pensamentos e comportamentos; é preciso que ele vá até a população, que ele procure o povo, que ele trabalhe com a comunidade”, em outras palavras, articular o trabalho cultural com as necessidades de informação do público. Assim, é possível relacionar os centros culturais e os bibliotecários com a mediação cultural e com a CCI, porquanto os centros são espaços de cultura, informação, reflexão, discussão e ação a partir da informação com a interferência do bibliotecário, oportunizando a aprendizagem, a formação e a conscientização dos indivíduos por meio de ações culturais, as quais impactam diretamente a sociedade, pois conforme afirma Milanesi (1997, p. 47) “a atividade cultural instiga, perturba, incomoda [...] a casa deve atrair as pessoas para o desconforto do ano e a reflexão”.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracterizou-se metodologicamente como básica, qualitativa, descritiva e exploratória, bem como por revisão bibliográfica e estudo de caso, utilizando a entrevista semiestruturada para a coleta de dados e a técnica da análise categorial de Bardin (2011) para as análises. Com o objetivo de encontrar respostas para a problemática da pesquisa, utilizou-se a metodologia descrita abaixo, tendo como base os estudos de Gil (2008) e dos autores Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013). Nesse sentido, a natureza da pesquisa é básica, por proporcionar novos conhecimentos, consoante Gil (2008).

A abordagem do problema foi qualitativa, devido à prática interpretativa de investigação. A pesquisa com enfoque qualitativo busca explorar os fenômenos em profundidade em relação ao contexto, extrai os significados dos dados e não se fundamenta em estatísticas (Hernández Sampieri; Fernández Collado; Baptista Lucio, 2013). Os autores sugerem que esse tipo de abordagem seja utilizado quando a temática da pesquisa ainda é pouco explorada. A realização dos objetivos foi descritiva e exploratória, por descrever as

características dos sujeitos e por aprimorar as ideias do objeto investigado, respectivamente, conforme afirma Gil (2008). Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013) complementam que as pesquisas cujos objetivos são exploratórios examinam temáticas que são pouco estudadas.

Os procedimentos técnicos foram de revisão bibliográfica, por utilizar materiais já publicados como livros e artigos em língua nacional e estrangeira (inglesa); e de estudo de caso, por estudar profunda e detalhadamente o objeto dentro da sua realidade, permitindo um amplo conhecimento acerca dele (Gil, 2008). Como o instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista que, conforme Gil (2008), é uma forma de interação social que possibilita o encontro entre pessoas a fim de obter informações que interessam à pesquisa. A entrevista foi presencial e do tipo semiestruturada, pois contou com algumas questões preestabelecidas, ou seja, com um roteiro de perguntas e no qual o entrevistador tem a liberdade de realizar outras questões para entender melhor ou obter mais informações dos bibliotecários (Hernández Sampieri; Fernández Collado; Baptista Lucio, 2013). O formulário foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina para avaliação e validação, sendo aprovado em 02/12/2022).

O universo de pesquisa foi composto pelo Centro Integrado de Cultura (CIC) Professor Henrique da Silva Fontes, localizado na capital catarinense - Florianópolis. O CIC, inaugurado em 1982, é vinculado à Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e objetiva difundir a cultura artística de Santa Catarina. O CIC é administrado pela FCC, órgão que administra os diversos espaços de cultura do Estado de Santa Catarina. Atualmente, a administração da FCC funciona junto ao CIC, com sala própria. A FCC foi criada 1979² e tem sob sua responsabilidade 11 espaços³:

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

O CIC está localizado na Beira Mar Norte da Ilha de Santa Catarina, na Avenida Governador Irineu Bornhausen, 5600 – bairro Agronômica, próximo às duas grandes

² Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/sobre/historico>. Acesso em: 28 dez. 2022.

³ Dados obtidos na entrevista e que podem ser visualizados no site da FCC. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos>. Acesso em: 28 dez. 2022.

universidades públicas - UFSC e UDESC. Seu horário de atendimento ao público é diariamente das 10h às 21h. O CIC possui nove espaços, a saber: 1) Sala de Cinema Gilberto Gerlach; 2) Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); 3) Museu da Imagem e do Som (MIS/SC); 4) Teatro Ademir Rosa; 5) Biblioteca de Arte e Cultura; 6) Escolinha de Arte de Florianópolis; 7) Oficinas de Arte; 8) Salas Lindolf Bell; e 9) Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR).

A amostra foi composta por três bibliotecários que atuam no CIC, especificamente na Biblioteca de Arte e Cultura e no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). A Biblioteca de Arte e Cultura⁴ possui um acervo especializado em artes visuais, cinema, música, teatro, dança, patrimônio cultural, arquitetura e fotografia, com cerca de 2.000 obras. A Biblioteca é aberta ao público, mas apenas para consulta local. Já o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)⁵ foi criado em 18 de março de 1949 e está presente no CIC desde 1983. O acervo do MASC conta com mais de 2 mil obras.

Realizou-se uma entrevista semiestruturada, de forma presencial, no dia 12 de dezembro de 2022, no CIC, com três bibliotecários, sendo dois deles do sexo feminino e um do sexo masculino, cujos nomes foram mantidos em sigilo e são representados pelas letras A, B e C respectivamente. Destaca-se que o CIC possui quatro bibliotecários, porém um estava em licença para tratamento de saúde e atualmente exerce sua função no setor administrativo. O Quadro 3 apresenta o perfil dos entrevistados:

Quadro 3 – Perfil dos entrevistados

SUJEITOS	IDADE	FORMAÇÃO	ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NO CIC
A	49 anos	Especialização	Biblioteca	11 anos
B	44 anos	Mestrado	Biblioteca e Sistema de Bibliotecas Públicas de SC	9 meses
C	45 anos	Graduação	Pesquisa e Documentação do MASC	9 anos e 3 meses

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Conforme o Quadro 3, dos nove espaços que o CIC possui somente dois espaços possuem bibliotecários atuantes a saber a Biblioteca de Arte e Cultura e o MASC, sendo que o entrevistado B coordena de dentro da Biblioteca o Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa

⁴ Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/cic/biblioteca-de-artes>. Acesso em: 8 dez. 2021.

⁵ Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/espacos/masc/o-museu>. Acesso em: 8 dez. 2021.

Catarina (SBPSC)⁶. A média de idade dos entrevistados é de 46 anos e a maior parte deles tem formação base pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É importante destacar que o entrevistado C atua em um setor específico dentro do MASC (Pesquisa e Documentação), portanto sua contribuição para o que a pesquisa propôs não foi de todo alcançada uma vez que o participante não atua com atividades culturais, foco da pesquisa.

Os dados foram analisados pela Análise de Conteúdo de Bardin, que é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p. 44). Frankfort-Nachmias e Nachmias (1996, p. 324-330 *apud* Freitas; Janissek, 2000, p. 29) corroboram ao afirmarem que a “análise de conteúdo consiste em uma leitura aprofundada de cada uma das respostas, onde, codificando-se cada uma obtém-se uma idéia sobre o todo”. A análise de conteúdo é dividida em três fases, sendo elas: 1) pré-análise; 2) exploração: codificação e categorização do material; 3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Para a presente pesquisa foi utilizada especificamente, a técnica da Análise Categorial, a qual desmembra o conteúdo das mensagens, que no caso desta pesquisa se constituiu das mensagens contidas nas entrevistas a respeito de atividades que compreendessem a as categorias sobre competência crítica em informação, mediação cultural e centros culturais. Tais categorias foram elaboradas a partir do referencial teórico. A análise por categorias “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”, conforme Bardin (2011, p. 201), o que possibilitou identificar as atividades, nas atividades desenvolvidas, as questões referentes à mediação cultural e competência crítica em centros culturais.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: MEDIAÇÃO CULTURAL E COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO EM CENTROS CULTURAIS

O entendimento a respeito da cultura é primordial para instituir os conceitos de mundo, facilitar a compreensão dos aspectos culturais de determinada comunidade e, concomitantemente, contribuir para o conhecimento da importância que ela significa para o

⁶ Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/diretoria-de-arte-e-cultura/701-sistema-de-bibliotecas-publicas-de-santa-catarina/sobre-o-sbpvc>. Acesso em: 28 dez. 2022.

mundo. Como afirmam Rasteli e Caldas (2019), a ampla percepção do papel da cultura é “[...] fator de desenvolvimento econômico, direito do cidadão, instrumentos de inclusão social e ação integradora com potencial transformador”.

A cultura, materializada na arte, pode ser propulsora do desenvolvimento humano quando mediada, pois, a mediação cultural é capaz de fazer interlocução entre os indivíduos e as obras de arte, com vistas a incitá-los ao conhecimento, estimular a participação cidadã e auxiliar no desenvolvimento do senso de comunidade. Nesse sentido, para Coelho (1997), as pessoas podem participar do universo cultural e se aproximarem umas das outras mediante a invenção de objetivos em comum.

Foi com essa perspectiva em mente que os entrevistados foram questionados quanto à relação das atividades oferecidas e à cultura do público a que elas se destinam. Os dados coletados mostram que há intenção de relação entre as atividades ofertadas pela Biblioteca e pelo SBPSC e a cultura do público a que se destinam, entretanto isso não tem sido alcançado. O entrevistado A afirma: “*quando a gente planeja, pensa alguma coisa nesse público total, mas a gente não está conseguindo acessar esse público [...]*”.⁷

Quando questionado se os setores do CIC, de modo geral, pensam na comunidade carente ao proverem as ações, o entrevistado A respondeu: “*eu sinto que não, eu acho que se todos pensassem assim mais gente tentaria [...] fazer algo para realmente atingir a todos*”. Novamente é possível observar a falta de integração com a comunidade e nesse sentido cabe evidenciar Flusser (1980) quando diz que por meio de uma política de democratização cultural é que se conseguirá atingir todos os públicos: efetivo, potencial e não-público. O autor afirma que “[...] graças a uma política de democratização cultural, conseguir-se-á transformar o público [...]. Para que uma biblioteca possa vir a ser uma biblioteca-ação cultural é necessário que ela se volte para o não público⁸” (Flusser, 1980, p. 132).

Já o entrevistado B acredita que algumas atividades possuem essa relação com a cultura local ou com o público:

[...] na Escrita Criativa eu trago, sim, autores catarinenses que eu gosto e que eu confio na qualidade; então eu trouxe poesia de autores catarinenses, eu trouxe conto de uma autora catarinense que participou também da Oficina

⁷ Para diferenciar as transcrições dos entrevistados do restante do texto estas foram grafadas em itálico.

⁸ Definido como “[...] todos aqueles a quem a sociedade quase não fornece (ou recusa) os meios para optar livremente” (Jeanson, 1973, p. 30 *apud* Flusser, 1980, p. 132).

Literária Boca de Leão [...]. Eu trouxe também para esse ano uma fala de um cinegrafista catarinense que ele estava com projeto muito legal sobre a cultura açoriana em Santa Catarina [...]. Então é nesse sentido, sabe, de às vezes fazer uma palestra, trazer um escritor local e a gente socializar aquilo que a gente conhece, mas foi só nesse sentido (Entrevistado B).

Pelas falas dos bibliotecários, observa-se que existe a intenção de alcançar a toda a comunidade com as atividades culturais, inclusive a carente economicamente, e que a mediação cultural é feita, porém, a princípio, de modo inconsciente e ainda incipiente. Pela fala do entrevistado B, a cultura catarinense é divulgada e colocada a sua produção artística em proximidade com o público para seu conhecimento e apropriação; e essa mediação cultural e a interação da obra com o público dá maior significado e sentido à realidade, conforme asseguram Rasteli e Caldas (2019).

No que tange à oferta de atividades para o desenvolvimento da ColInfo, o entrevistado A diz não pensar: “*não, não tenho pensado nessa linha da competência em informação*”. Já o entrevistado B acredita que as atividades da Oficina Escrita Criativa, da palestra O Pequeno Príncipe e da Biblioterapia trabalham a ColInfo e a CCI: “[...] as três, elas têm esse cunho de competência”. O entrevistado comenta as duas primeiras:

A Escrita Criativa, porque a gente faz leitura de textos e a gente faz reflexões para depois pensar como trazer essas questões sociais para o texto deles [dos participantes] [...]. A palestra O Pequeno Príncipe [...] a gente reflete muito sobre a sociedade e a história né, conta a história que nós somos manipulados e eles [participantes] fizeram muita atrelagem com a questão política, que foi no período de eleição também que eles vieram né, então eles: ‘ah, olha, agora está havendo isso aí com o governo’, então eles faziam essa associação (Entrevistado B).

Depois o entrevistado B acrescenta que a ColInfo também esteve presente na Biblioteca Humana:

[...] ela também esteve presente ali na Biblioteca Humana né, porque as pessoas puderam, sim, ter informações que não eram só do texto, era da oralidade, e ali, também, de alguma forma, responder à sua necessidade de informação. Teve gente que veio só para ouvir a taróloga para entender como funciona a leitura do tarô, essa era a necessidade daquela pessoa e ela veio ouvir, oral, mas ela saiu daqui satisfeita. Teve gente que veio para entender como é a vida de uma pessoa que teve movimentos, que contou histórias, que dançou, participou de vários eventos e, de repente, está ali paralisada, numa cadeira de rodas, que hoje só consegue ficar em pé por alguns instantes né, é uma informação para você ou para alguém da tua família para entender aquele alguém da tua família, então eu vejo essa possibilidade [...] então

havia necessidade de ouvir, que era uma necessidade de informação (Entrevistado B).

Ao discorrer sobre a Escrita Criativa, o entrevistado B diz:

a escrita eu falo: 'gente, nós não vamos contar uma história sem ter um sentido social'. Então eu preciso trazer alguns textos que despertem [...], por isso que eu uso o texto da Marina Hadlich que é escritora catarinense, porque ela faz um olhar que até traz um pouco da cultura local né, que são as mulheres da Lagoa da Conceição [...] (Entrevistado B).

É perceptível nessa fala a presença da mediação cultural e da CCI. Essas ações de mediação propiciam fortalecer a cultura catarinense ao trazerem autores e textos que são da cultura local. Como afirmam Rasteli e Caldas (2019, p. 9), “o conceito de mediação cultural aponta para as interações sociais e apropriações simbólicas, caracterizando-se como um processo de intersubjetividades, permitindo aos sujeitos interpretar sentidos e gerar novas significações”.

A CCI pode ser vista nessa ação, porque a Escrita Criativa busca ler, refletir e agir (no sentido da escrita) acerca de questões sociais. O pensamento reflexivo concernente a assuntos sociais e a posterior elaboração de um texto, demonstra o que ele contribui para a construção de conhecimento e transformação do sujeito – reflexão, crítica e ação - características essas que fazem parte da CCI, conforme Doyle (2018). Isso também converge com o que Ramírez Roncancio (2012, p. 21) argumenta no tocante ao pensamento reflexivo: “[...] constitui-se em um meio que favorece a contínua revisão dos nossos posicionamentos e gera uma atitude crítica na proposição e reconstrução de alternativas para a resolução das diferenças de opinião”.

Ao descrever acerca da Palestra O Pequeno Príncipe, o entrevistado B detalha:

[...] porque eu trago um olhar diferente para O Pequeno Príncipe, porque a gente conversa sobre cada personagem e a gente visualiza ali muito da Segunda Guerra Mundial que as pessoas em primeira leitura não vão encontrar, então eu mostro para eles a possibilidade de olhar diferente do texto e de você voltar para aquele texto com esse novo olhar, observando traços da 2ª Guerra Mundial, do nazismo ali inserido [...]. Então [...] os adolescentes [...] conseguiram ver essa questão que estava nas entrelinhas e eles começaram a levantar questões que eu não via (Entrevistado B).

Ao contextualizar a 2ª Guerra Mundial e suas consequências, ao observar e trabalhar questões referentes às ilustrações e às determinadas falas de Antoine de Saint-Exupéry, é possível visualizar a ocorrência da mediação cultural estabelecida como fenômeno comunicacional e multidisciplinar, ao mesmo tempo em que promoveu a interação, apropriação e criação de significado pelos participantes. É nessa perspectiva que Rasteli e

Caldas (2019, p. 9) afirmam que “o encontro entre bibliotecário e usuário torna a mediação cultural uma ação de compartilhamento simbólico, cuja proposta está em participar, interagir e construir significados, redundando na apropriação cultural”.

Essa palestra também possibilitou trabalhar a reflexão, o senso crítico, pois ela traz várias questões críticas presentes na sociedade, como as guerras, a submissão ao poder, a pobreza etc. Além disso, a frase “*eles começaram a levantar questões que eu não via*” dita pelo bibliotecário, evidencia que a argumentação também pode ser instigadora do pensamento reflexivo. Portanto, percebe-se que na fala apresentada existe, nas entrelinhas, a questão da CCI, ainda que os sujeitos não o façam com essa intencionalidade.

Destaca-se que essa atitude do bibliotecário B, de provocar um olhar diferente para o texto, é um começo para ocasionar a reflexão, a qual possibilita um aprofundamento das questões percebidas. Isso se harmoniza com o que Bezerra, Schneider e Brisola (2017, p. 9) julgam acerca de “provocar a reflexão instigando a curiosidade e despertando o interesse através de possíveis soluções para questões é um caminho para o exercício do pensamento reflexivo”. De igual modo, Ramírez Roncancio (2012, p. 21) expõe que “[...] dentro da dimensão argumentativa, o pensamento reflexivo se converte num processo metacognitivo que contribui para a transformação e construção de conhecimento no sujeito”.

Ao comentar referente à atividade da Biblioterapia, o entrevistado B afirma:

Aí na biblioterapia [...] eu levei [o texto] ‘Para falar de amor’, então a gente viu as várias formas de amor, até o amor que sufoca, continua sendo amor? Então eu levo os textos para que eles falem, eu só faço a mediação, quando eu vejo que a coisa está esfriando eu faço uma pergunta, que é uma disparadora né, [...] geralmente eu levo uma poesia e uma crônica, uma poesia e um conto. E eu trabalhei também a raiva. Foram dois temas que eu consegui trabalhar e eles perceberam, nesses dois momentos, como estavam presentes na vida deles [...] (Entrevistado B).

Pelas palavras do entrevistado, é possível perceber que toda ação medeia algo, direta ou indiretamente. Aqui é possível observar a mediação explícita, em que o entrevistado interfere para que haja interlocução entre os participantes da ação, ou seja, o bibliotecário tem contato direto com as pessoas na promoção da mediação, como afirma Almeida Júnior (2015).

Ao citar o uso do livro *A Bolsa Amarela*, de autoria de Lygia Bojunga Nunes, na Biblioterapia, o entrevistado B comenta:

quando eu trabalho A Bolsa Amarela [...] eles perceberam, os participantes da roda de biblioterapia, que o amarelo é a cor do Setembro Amarelo, que se você não cuida de como está o teu interior, você pode ir para esse caminho, que é o do suicídio, porque a personagem Raquel ela é muito sufocada pela família mesmo sendo uma adolescente. Ela é a última filha de uma família, [...] ela guarda três grandes desejos, que quando esses desejos crescem quase estouram a bolsa dela, que é de ser homem, porque homem pode tudo, ser adulto, porque o adulto pode tudo a qualquer hora, e ser escritora. Então eles foram analisando ali esses desejos e dizendo: 'eu vivi isso'; então eles começam a ser críticos quando eles trazem a literatura para sua vivência e observar (Entrevistado B).

Aqui novamente, é possível perceber a presença da mediação cultural, da ColInfo e, ao mesmo tempo, do senso crítico na atividade de Biblioterapia, dado que a leitura e a mediação incitam os participantes a visualizarem, pensarem e refletirem a respeito de questões sociais do dia a dia como, por exemplo, o empoderamento da mulher, inclusive na necessidade de se informar mais acerca da questão, desenvolvendo a ColInfo.

No que se refere à Palestra O Pequeno Príncipe, o entrevistado B complementa que ele não discute somente a história da humanidade

mas a questão de ela poder ser repetida, e a gente reflete sobre, aí é proposital né, [...] sobre o real sentido da vida. O príncipe está em busca desse sentido da vida: como? por que que eu estou neste planeta? e ele sai em busca, então ele encontra o planeta da autoridade, que é o do rei, e ele começa a questionar a autoridade; aí o do vício, o do trabalho, o da vaidade [...]. Então nesse sentido eu faço sem a fala, buscando que eles percebam e eles já dialoguem comigo... é uma palestra, mas ela é interativa [...] (Entrevistado B).

A partir do exposto pelo entrevistado B, infere-se que a mediação cultural aconteceu e que a descrição dessa atividade se liga a todas as etapas da mediação cultural – antes, durante e depois - especialmente às etapas “durante” e “depois”, conforme explicitadas por Wendell (2013).

Percebeu-se que houve um *encontro* dos estudantes com a obra O Pequeno Príncipe, ocorreu uma *apropriação* dela às suas histórias, bem como uma *reflexão* acerca dela e do que ela lhes trouxe ou apresentou (etapa durante). Concomitantemente, percebeu-se uma *reverberação* da obra na vida dos estudantes por meio da apresentação “de um sarau nas escolas”, uma *internalização* mediante as sensações e reflexões a partir dela, do mesmo modo que o *reconhecimento* dela, questões essas que culminaram no sarau (etapa depois). Depreende-se que houve, também, a etapa “antes” referente aos itens *mobilização* e

sensibilização, pois os entrevistados afirmaram anteriormente que todas as atividades culturais são divulgadas, e a obra sensibiliza pela sua própria força. Unicamente, não foi possível identificar pela fala do bibliotecário o item *preparação*.

A palestra mencionada também promoveu uma reflexão crítica ao trabalhar elementos que ideologia capitalista dominante repassa acerca do trabalho, por exemplo. É como Almeida Júnior (1997, p. 98) exemplifica ao citar a antiga frase que diz que “o trabalho enobrece”, ao que o autor discute: “Quem ainda aceita essa frase? Ela está completamente errada; o trabalho não enobrece, o trabalho cansa. [...] a quem interessa a veiculação de que o trabalho enobrece? Àqueles que são os donos dos meios de produção, os patrões [...]”.

Ao mesmo tempo essa palestra interativa, ao promover o diálogo, viabilizou a discussão e a reflexão, o que se harmoniza com o que preconizam Vicentini e Verástegui (2015) quando discorrem que o diálogo e a problematização são essenciais para o exercício da emancipação e da transformação social, abrindo caminhos e possibilidades para o indivíduo conhecer e exercer a sua liberdade.

Dentro das ações mencionadas pelos entrevistados foi possível perceber como a CCI, que de acordo com Bezerra e Schneider (2022) é uma ação libertadora presente em práticas informacionais mediada por uma consciência crítica, está também atrelada às finalidades das atividades promovidas, pois como afirma o entrevistado B essas três atividades culturais supracitadas têm a intenção da reflexão e da crítica:

[...] não só social, mas a crítica pessoal. ‘Como eu estou lidando com aquilo?’ E que a literatura também é uma informação. Ela carrega muito da informação, que tem um pouco da verossimilhança da nossa realidade, às vezes não é a minha realidade, mas pode ser a tua, e a metáfora, trabalhando para que a gente reflita nas questões sociais, então é proposital, é bem proposital (Entrevistado B).

Observa-se que a Biblioteca e o SBPSC procuram promover atividades com foco no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, constituindo-se como biblioteca-ação cultural, e Flusser (1980) afirma que uma biblioteca-ação cultural deve promover atividades que propiciem acesso crítico à informação. O entrevistado A destaca a Oficina Leitores & Escritores: interações como tendo esse foco a partir da leitura de textos:

[...] que surge o pensamento crítico, essa foi a mais importante assim que eu acho que a gente realizou, fiquei muito feliz em fazer e estar com a psicanalista [...]”, e continua: “[...] os escritores vão chamar os leitores para

gente ler, discutir e conversar, formar também leitores para identificar os textos, ler um texto crítico, ver o que está escrito [...] (Entrevistado A).

Infere-se pela fala do bibliotecário A que uma das formas de desenvolver o pensamento crítico é a partir da leitura e discussão a respeito de determinado assunto. Entende-se que esse “clube da leitura” foi uma das formas de buscar a emancipação e protagonismo dos sujeitos, dado que a leitura e o diálogo existentes possibilitaram uma reflexão ativa acerca de si, dos outros e com os outros, pois é dizendo a palavra que os homens transformam o mundo, de acordo com Freire (2013). Igualmente, Vicentini e Verástegui (2015) afirmam que o diálogo estimula uma reflexão ativa com relação a outros indivíduos, então ele é fundamentalmente social e exige um pensamento crítico.

Verificou-se também pelas descrições dos bibliotecários A e B que eles desempenharam algumas das atribuições citadas por Wendell (2013), sendo elas: em todas as atividades o público-alvo foi mobilizado mediante contato direto, redes sociais e canais oficiais de comunicação; os bibliotecários desenvolveram atividades artístico-pedagógicas com os mais variados tipos de públicos e nos mais diferentes espaços; além de prepararem e integrarem a equipe do projeto (artística, técnica, comunicação etc.) para que todos compreendessem e atuassem conjuntamente.

Observa-se que cinco atividades culturais, dentre as 12 citadas, foram planejadas e oferecidas à comunidade pelos bibliotecários com foco no desenvolvimento reflexivo e crítico dos sujeitos, sendo elas: Oficina Escrita Criativa, Palestra O Pequeno Príncipe, Biblioterapia, Biblioteca Humana e a Oficina Leitores & Escritores: interações. Dessas cinco atividades, quatro são consideradas como tendo em vista a Colinfo e fazem uso da mediação cultural: Oficina Escrita Criativa, Palestra O Pequeno Príncipe, Biblioterapia e Biblioteca Humana. Em síntese, tem-se o Quadro 4 para melhor visualização dessas atividades:

Quadro 4 – Foco das atividades culturais

MEDIÇÃO CULTURAL	COINFO	CCI
<ul style="list-style-type: none"> - Oficina Escrita Criativa; - Palestra O Pequeno Príncipe; - Biblioterapia; - Biblioteca Humana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Oficina Escrita Criativa; - Palestra O Pequeno Príncipe; - Biblioterapia; - Biblioteca Humana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Oficina Leitores & Escritores: interações; - Oficina Escrita Criativa; - Palestra O Pequeno Príncipe; - Biblioterapia; - Biblioteca Humana.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos resultados apresentados é perceptível que existe a tendência para trabalhar questões referentes à mediação cultural e à CCI em algumas das atividades propostas no universo pesquisado. Todavia, percebe-se que essa tendência não é de todo modo consciente. Pelas entrevistas não foi possível identificar a presença das estratégias de mediação cultural em nenhuma atividade, e nem a utilização de todas as etapas da mediação cultural, ambas propostas por Wendell (2013), as quais muito têm a contribuir para o desenvolvimento da ação e mediação culturais.

É importante ressaltar que a pessoa bibliotecária pode se apropriar de conhecimentos sobre mediação cultural e competência crítica em informação a partir de cursos, oficinas, workshops com especialistas no assunto, educação continuada como especializações, mestrado e doutorado e estudo de estratégias já utilizadas em outras instituições, dentre outros. Isso propiciará ofertá-las na prática de modo mais assertivo. Nesse sentido, sugere-se que os bibliotecários possam buscar mais conhecimento no tocante às questões da mediação cultural, suas etapas e estratégias e pensar em ações mais direcionadas à mediação cultural e à CCI, com a finalidade de atingirem um maior número de pessoas e contribuírem para um melhor entendimento da ação pelos sujeitos, pois como argumentam Rasteli e Caldas (2019, p. 2), “as bibliotecas podem ser participantes no processo de transformação de suas comunidades, onde a leitura, a escrita e demais atividades culturais despontariam as consciências críticas perante as estruturas de dominação”.

Ressalta-se que para que isso ocorra, os próprios bibliotecários também têm que desenvolver o pensamento crítico e as formas de mediação que promoverão o desenvolvimento da CCI, mas isso não é algo fácil, visto que ainda há fragilidade na formação do profissional quando muitos cursos ainda estão enraizados nas vertentes tecnicistas e abordam pouco, ou não tanto como deveriam, preceitos da mediação cultural e da CCI. O estudo verificou que os elementos desenvolvidos nas ações culturais propiciam compreender aspectos relacionados às particularidades da CCI, dessa maneira todos os objetivos propostos na pesquisa foram alcançados, pois foi possível averiguar que a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do CIC contribui para a CCI na comunidade em que ele se insere.

Recomenda-se que mais estudos sejam feitos quanto aos centros culturais brasileiros, já que a literatura, e da mesma forma os autores, são poucos na área comparados ao universo gigantesco de centros de cultura que existem no país. Com igualdade, propõe-se que a mediação cultural seja perscrutada semelhantemente à mediação da informação e que sejam elaboradas, pela Ciência da Informação, estratégias que auxiliem o profissional a utilizá-la em suas ações culturais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Suely; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ACRL, 2016. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M.; SALDANHA, Gustavo Silva. **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019. Disponível em: https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields. Acesso em: 30 ago. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e72831>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72831>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco. Teoria, consciência e práxis: a mediação dialética da crítica. In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco (org.). **Competência**

crítica em informação: teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade:** Estudos, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 7-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31114>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo Silva. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 5-22, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/47337/27363>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elisabeth (org.). **Interdisciplinaridade e Transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008, p. 67-85.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DOHERTY, John Joseph; KETCHNER, Kevin. Empowering the intentional learner: a critical theory for information literacy instruction. **Library Philosophy and Practice**, Nebraska, v. 8, n. 1, p. 1-10, Fall 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28106825_Empowering_the_Intentional_Learner_A_Critical_Theory_for_Information_Literacy_Instruction. Acesso em: 10 jan. 2022.

DOYLE, Andréa. Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 1, p. 25-33, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/274>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ELMBORG, James. Critical information literacy: implications for instructional practice. **The Journal of Academic Librarianship**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 192-199, Mar. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/2608643/Critical_information_literacy_Implications_for_instructional_practice. Acesso em: 26 jul. 2021.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76090>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FORD, Kevin. A burca vermelha de iansã: processo de mediação e questões de gênero. In: SALCEDO, Diego Andres (org.). **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Henrique; JANISSEK, Raquel. **Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos**. Porto Alegre, RS: Sphinx-Sagra, 2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3397833-Freitas-janissek-analise-lexica-e-analise-de-conteudo-p-1.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

MENDONÇA, Ismael Lopes; FEITOSA, Luiz Tadeu; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Por uma relação cultural com a informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], ANCIB, v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/498/480>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MILANESI, Luiz Augusto. **A casa da invenção**. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MILANESI, Luiz Augusto. **Centro de cultura: forma e função**. São Paulo: Hucitec, 1990.

NEVES, Renata Ribeiro. Centro cultural: a cultura à promoção da arquitetura. **Revista Especialize On-Line IPOG**, Goiânia, v. 1, n. 5, p. 1-11, jul. 2013. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/191671/centro-cultural--a-cultura-%C3%A0-promo%C3%A7%C3%A3o-da-arquitetura>. Acesso em: 27 abr. 2021.

NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Por uma episteme mediacional na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104395>. Acesso em: 26 jul. 2021.

RAMÍREZ RONCANCIO, Nancy Lizeth. **Desenvolvimento do pensamento reflexivo**: avaliação da qualidade da argumentação em situação de debate crítico. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19133>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Mediação cultural e bibliotecas: perspectivas conceituais na Ciência da Informação no Brasil. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 1-13, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2019v24n54p1>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p1/38070>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SCHNEIDER, Marco. Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M.; SALDANHA, Gustavo Silva. **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019. Disponível em: <https://www.garamond.com.br/wp->

content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields. Acesso em: 30 ago. 2020.

SIMMONS, Michelle H. Librarians as disciplinary discourse mediators: using genre theory to move toward critical information literacy. **Libraries and the Academy**, Baltimore, v. 5, n. 3, p. 297-311, July 2005. Disponível em: https://scholarworks.sjsu.edu/slis_pub/66/. Acesso em: 26 jul. 2021.

VICENTINI, Dayanne.; VERASTEGUI, Rosa de Lourdes Aguilar. A Pedagogia Crítica no Brasil: a perspectiva de Paulo Freire. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS ATUAIS PARA A EDUCAÇÃO, 16., 2015, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANALIS/ARTIGO/PERSPECTIVA%20FILOSOFICAS/A%20PEDAGOGIA%20CRITICA%20NO%20BRASIL%20A%20PERSPECTIVA%20DE%20PAULO%20FREIRE.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

WENDELL, Ney. **Estratégias de mediação cultural para formação do público**. Bahia: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2013. Disponível em: http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/arquivos/File/imagenswordpress/2014/09/estrategias-de-mediacao-cultural_ney-wendell_8-9.pdf. Acesso em: 24 jan. 2023.

Declaração de Contribuição dos Autores

Barbara Lipinski – Conceptualização – Coleta Dados – Análise Formal – Investigação – Metodologia – Escrita do texto.

Luciane de Fátima Beckman Cavalcante – Supervisão – Validação – Visualização – Orientação das análises, escrita – Revisão da Escrita, das Análises e dos apontamentos finais para publicação.

Como citar o artigo:

LIPINSKI, Barbara; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Competência crítica em informação e mediação cultural: um estudo do Centro Integrado de Cultura de Florianópolis/SC. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 9, p. e38126, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2025v9n1ID38136>.